

O PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE CULTURA: TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

Luísa Marinho Antunes Paolinelli (Universidade da Madeira)

François Andrieux (1759-1833), lexicógrafo e Secretário da Academia Francesa, afirmou que “On ne s'appuie que sur ce qui résiste.” Se a lusofonia (ou a lusografia em alguns lugares) se apoia na língua portuguesa, a língua vive e depende dos vários povos que a usam e a transformam, num “cultivar” criativo e dinâmico. As geografias humanas e físicas que compõem as várias regiões em que se fala e escreve em português são também espaços afectivos que, como os próprios indivíduos, ainda que particulares e diferenciados, pertencem a uma comunidade de “próximos” que pelo seu labor fazem sobreviver o português nas suas várias normas e variantes como língua de comunicação de universalização. Como escreve o autor cabo-verdiano José Luís Hopffer C. Almada, se o português foi a língua da nacionalização literária e da sua reivindicação, é hoje língua internacional e de compreensão, aliança entre moçambicanos, angolanos, santomenses, brasileiros, portugueses...

É nessa qualidade de ser cosmopolita, no sentido de se adaptar à mudança – como já escreviam Alexandre Herculano, Almeida Garrett, José de Alencar e Gonçalves Dias – às várias maneiras de ser e pensar dos povos que a usam, de se apresentar fecunda e aberta aos “namoros de língua”, como escreve Luís Carlos Patraquim, que o português dos vários sabores e paisagens pode afirmar-se como língua de cultura, “brincando” com os significantes e significados, na proposta de Mia Couto, revalorizando o seu sentido ético. A receita já tinha sido dada no século XIX, justamente por Gonçalves Dias: respeitar a técnica e a tradição, mas transformar a língua para uma expressão genuína e verdadeira da própria identidade ou identidades, criando os espaços da cultura.